

*Entre o médico e o paciente gravemente ferido  
havia 10 mil quilômetros de oceano – e um elo  
através do espaço cibernético*

# Pronto-socorro na Internet

Por MALCOLM McCONNELL

**O** Dr. Daniel Carlin revia prontuários na tela do computador em seu consultório em Boston quando uma chamada telefônica trouxe o primeiro indício de problema grave.

– Viktor Yazykov precisa de assistência médica – explicou o homem em Charleston, Carolina do Sul. – As mensagens

dele acabaram de chegar.

A chamada vinha de um dirigente do Race Operations Center (ROC – Centro de Operações de Regatas), a sede de comunicações da regata Around Alone. Yazykov, capitão do veleiro *Wind of Change*, da Rússia, de 40 pés, estava em meio a um mar revolto, a cinco fusos horários de distância e a mais de 1.600 qui-

lômetros a noroeste da Cidade do Cabo, na África do Sul. Assim como os outros 15 participantes da regata em solitário ao redor do mundo, que ocorre a cada quatro anos, ele dispunha de um computador *laptop* e de um rádio ligado a satélite.

**C**ARLIN, 39 ANOS, era diretor da World Clinic, clínica médica "virtual" que o conectava por meio da Internet a pacientes em todo o mundo. Ele havia oferecido seus serviços à regata como voluntário.

Na manhã de terça-feira, 10 de novembro de 1998, ao ler as mensagens do correio eletrônico, Carlin se concentrou no relato do velejador

sobre um grave ferimento no cotovelo direito. Yazykov explicou que havia tomado aspirina para combater a dor. Mas o cotovelo, escreveu ele, "está com uma aparência bem ruim... uma espécie de mancha amarela no meio de uma área vermelha, e está insensível. Aguardo sua ajuda", concluiu.

Pela descrição, Carlin supôs que Yazykov estivesse com uma infecção. Enviou mensagem detalhada explicando ao velejador como raspar o tecido morto e fazer o curativo no ferimento, utilizando equipamento do *kit* médico que a World Clinic projetara para cada embarcação. Carlin recomendou também que Yazykov começasse a tomar antibióticos, acrescentando: "Notifique-nos imediatamente em caso de febre ou de aumento da dor." Em poucos minutos o ROC repassou a resposta de Yazykov: "Vou começar agora mesmo. Obrigado, Viktor."

Carlin sorriu diante da gratidão característica de Yazykov. Ao conhecê-lo em Charleston naquele verão, o médico se impressionou com o

aperto de mão esmagador e os modos despreziosos do velejador. Yazykov falava baixo mas com grande determinação. Vindo da Rússia, ele tinha chegado atrasado, partindo cinco dias após os outros. Mas, empenhando-se ao máximo, já havia ultrapassado quatro competidores.



**“O ferimento no braço parece bem ruim... e está insensível. Aguardo sua ajuda.”**

MANTENDO O COTOVELO direito inchado junto ao corpo, Yazykov agarrava o leme com a mão esquerda, enquanto o barco jogava em meio às ondas. *O que mais pode sair errado?*, pensava ele, observando a escura tormenta que se delineava contra o horizonte acinzentado.

A regata parecia-lhe agourenta. Semanas antes, havia confundido com condimento um pacote de conservante de sílica para absorver umidade, misturando-o à comida, e sofreu dois dias de delírio. Tempestades haviam castigado suas melhores velas, deixando-as em farrapos. Como o gerador não pegasse, conseguia recarregar as baterias do rádio por satélite somente durante o dia, por meio dos painéis solares. A baixa reserva de energia limitava as comunicações.

A viagem era a realização de um antigo sonho. Yazykov havia crescido no porto de Sochi, no Mar Negro, e sua imaginação se incendiou ao ler o épico *Velejando sozinho ao redor do mundo*, de Joshua Slocum. Certo dia, jurou que, assim como o autor, também ele iria circunavegar o globo. O sonho nunca se desvaneceu, mesmo depois do desaparecimento do pai no pequeno pesqueiro da família, em 1962.

Ainda assim, parecia um sonho improvável para um adolescente na União Soviética. Após o colegial, Yazykov serviu como pára-quedis-

ta. Mais tarde, formou-se numa academia de marinha mercante, casou-se e teve um filho.

Depois do colapso da União Soviética, construiu um pequeno veleiro com madeira de castanheiro e cruzou o Atlântico. Nos anos seguintes, lutou contra dificuldades financeiras para construir um barco maior. A viagem do *Wind of Change* seria o símbolo da nova liberdade, sua e da pátria. Imaginava que a viagem também lhe traria o reconhecimento necessário para abrir uma escola de vela

**“Comece a tomar o antibiótico. Avise-nos imediatamente se tiver febre ou se a dor aumentar.”**



em Sochi, onde poderia iniciar garotos russos nas maravilhas do mar.

Mas na primeira etapa só enfrentou contratempos. Quando um pedaço do cabo que sustentava o mastro se rompeu, Yazykov passou um dia inteiro no cordame, batendo contra o mastro como um boneco. O cotovelo inchou muito. A pele estava quente e, embora houvesse tomado várias aspirinas, a dor o impedia de usar o braço direito.

Yazykov então prendeu o leme e rastejou para dentro da cabine. Em-

papou o cotovelo ferido numa compressa quente como Carlin havia explicado e, apesar da dor, esfregou a inchação com um chumaço esterilizado. Curiosamente, nenhum tecido necrosado foi removido como o mé-

mas o corpo frágil da criança rete-sava-se como ferro, repetidamente.

Desesperado, tentou ligar para um antigo professor de medicina na Nova Inglaterra. Quando o homem retornou sua chamada, a criança já estava morta.

Aquela garotinha perseguiu Carlin durante anos. Ele sentia que poderia tê-la salvado se contasse com acesso mais rápido a outros médicos. Carlin se especializou em atendimento de emergência e desenvolveu uma prática não-convencional através da Internet, logo adotada por velejadores e pessoas

que trabalham em regiões isoladas da África e da Ásia.

NA MANHÃ de quarta-feira, 11 de novembro, o braço de Yazykov havia piorado. Retirando a atadura, ele examinou o inchaço flácido e descolorado, e então utilizou a mão esquerda para digitar uma apressada mensagem no computador. “A pele está inchada e toda lustrosa e brilhante”, escreveu. “Está vermelha e mais esbranquiçada em alguns pontos. É como se fosse uma almofada com um líquido no interior.”

As palavras “como se fosse uma almofada” cheia de líquido surpreenderam o médico. Yazykov descrevia um grave abscesso – uma bolsa interna de pus causada por infecção bacteriana.

Carlin precisava responder rapi-



**“Faça uma incisão de dois centímetros no abscesso. Doerá menos se cortar rapidamente.”**

dico havia previsto. Yazykov então envolveu o cotovelo numa atadura e retornou ao *cockpit*.

DANIEL CARLIN era filho de um médico do interior, mas sua carreira tomara um rumo insólito, em 1988. Após servir na Marinha, ele se ofereceu como voluntário para ajudar os refugiados de guerra no Afeganistão. Numa tarde quente e úmida, uma garotinha foi trazida ao seu acampamento, próximo a Khyber Pass. Carlin deu início ao tratamento mas ficou perplexo quando a cabeça da criança virou para trás numa rígida convulsão. Embora tivesse estudado na Faculdade de Medicina de Tufts, o médico jamais havia tratado sozinho meningite em estágio avançado. Trabalhava num ritmo frenético,

damente. Se o abscesso rompesse sob a pele, as toxinas se espalhariam, provocando grave envenenamento do sangue, possivelmente gangrena. Yazykov poderia perder o braço, ainda que chegasse a algum hospital. Caso a gangrena se espalhasse sem ser tratada, ele poderia morrer em pouco tempo.

Numa sala de emergência, Carlin lancetaria, drenaria e lavaria o abscesso, assistido por uma enfermeira, com anestesia local e material esterilizado. Mas Yazykov teria de realizar o procedimento arriscado no próprio braço; ainda estava distante demais da Cidade do Cabo para um resgate por helicóptero.

Quando o médico começava a digitar instruções, chegou outra mensagem do *Wind of Change*. “Temos apenas umas poucas horas de luz natural aqui”, escreveu Yazykov.

Carlin enviou instruções detalhadas. Explicou a Yazykov, passo a passo, como utilizar o bisturi esterilizado para fazer uma incisão de dois centímetros de comprimento, com profundidade não muito superior a um centímetro, na parte do abscesso mais próxima à pele. “Faça a incisão rapidamente. Assim vai doer menos.”

A 10 MIL QUILÔMETROS de distância, os raios frios do longínquo sol poente atravessavam as nuvens no horizonte noroeste. Governando o barco

com a mão esquerda, Yazykov tentava manter velocidade máxima em direção à Cidade do Cabo. Amarrou então o leme com um cabo elástico e retornou à cabine.

Rolando a mensagem na tela do computador, Yazykov releu as instruções de Carlin e então se despiu da cintura para cima. Misturando a solução de iodo com água num frasco plástico, cortou dois drenos cirúrgicos de gaze esterilizada. Em seguida, pôs um espelho sobre a mesa de navegação, pincelou o cotovelo com iodo e vestiu as luvas cirúrgicas.

Com a luz natural esmorecendo, Yazykov acendeu lanternas e um farol. Em vez de medo, sentiu a vertiginosa emoção de um salto noturno de pára-quedas.

Yazykov ergueu o cotovelo sobre o espelho e fez uma rápida incisão

**“Perdi meio litro de sangue. O braço está sem força. O que devo fazer antes que seja tarde?”**



com o bisturi. Estremecendo com a dor aguda, viu um coágulo de pus sanguinolento arrebentar.

— *Krasivo* — grunhiu ele, ironicamente. — Bonito.

Então banhou o ferimento com a solução de iodo e inseriu um pedaço de gaze enrolado para drenar fluidos do abscesso.

– *Algo está errado* – murmurou Yazykov.

As instruções de Carlin nada diziam a respeito de hemorragia, mas seu ferimento gotejava sangue sem parar.

*Torniquete*, pensou ele. Prendeu fortemente dois cabos elásticos abaixo do bíceps direito. A seguir amarrou-os numa barra acima da cabeça. Ainda assim o sangue escorria pelo torso nu. Com ansiedade crescente, Yazykov viu uma poça de sangue formar-se entre os pés.

Depois de meia hora com os nervos à flor da pele, o sangramento ainda não havia diminuído. Sentindo-se prestes a desfalecer, cortou os cabos elásticos que o prendiam à barra, cambaleou sobre a mesa de navegação e abriu o *laptop* para enviar outra mensagem. Havia perdido no mínimo meio litro de sangue, escreveu, e seu braço não tinha mais forças. “Por favor, o que devo fazer antes que seja tarde demais?”

EM BOSTON, o Dr. Carlin estava no meio do trânsito pesado do fim de tarde, quando souu seu *bip*. Pelo telefone celular, ligou para Charleston.

Ficou atônito ao ouvir a última mensagem de Yazykov. *Por que o ferimento estava sangrando tanto?* Por um momento, temeu que Yazykov houvesse perfurado um vaso sangüíneo. Então subitamente se lembrou

de um detalhe de uma das primeiras mensagens do velejador, no dia anterior: a aspirina!

– Meu Deus! – Carlin estremeceu e então ditou a mensagem a ser enviada pelo ROC.

Yazykov deveria remover o torniquete. Se o mantivesse por mais de 20 minutos, poderia causar uma lesão irreversível no nervo. Em vez disso, deveria cobrir o ferimento com gaze e envolver o cotovelo com atadura elástica, aplicando pressão sobre o ferimento, mas sem cortar o fluxo sangüíneo ao resto do braço.

– Diga-lhe para *não* tomar mais aspirina. Ela impede a coagulação. E certifique-se de que ele entenda que não vai sangrar até morrer.

Quando Carlin chegou em casa, ditou outra mensagem, perguntando se a sensibilidade, a cor e o calor haviam retornado ao braço de Yazykov, e se ele conseguia mover os dedos. “Por favor, responda imediatamente a essas perguntas.” Mas não houve resposta.

A BORDO DO *Wind of Change*, Yazykov seguiu as instruções de Carlin. O ferimento parara de sangrar, mas a tontura continuava. Imaginando que vinho tinto ajudaria a produzir sangue novo, bebeu sofregamente meia garrafa e comeu um pouco de chocolate. O vinho não ajudaria seu organismo a produzir células sangüíneas com mais rapidez, mas fez com que Yazykov logo adormecesse.

Horas depois, enquanto a luz leitosa do amanhecer inundava a cabi-

ne, Yazykov despertou, esticando instintivamente braços e pernas. Para sua imensa satisfação, a sensibilidade havia retornado ao braço. Verificou as mensagens e viu uma torrente de perguntas que o ROC havia enviado durante toda a noite.

“Estou bem”, respondeu. “Recuperando as forças bem devagar. Muito obrigado por sua ajuda.”

QUANDO o *Wind of Change* chegou à Cidade do Cabo três dias depois, centenas de espectadores entusias-

mados aglomeravam-se no píer. Embora ainda sentisse o braço fraco, Yazykov ergueu uma garrafa de champanhe para saudar a multidão que acenava. Um repórter pediu-lhe que falasse sobre o papel do médico americano em suas provações.

– Somos como irmãos agora – disse ele.

*Duas semanas mais tarde, Yazykov prosseguiu a viagem ao redor do mundo, chegando a Charleston, em maio último, no quarto lugar de sua classe.*

## BOM PARTIDO



Lucila e Germana são duas velhinhas que vivem num asilo. Ambas são viúvas, mas Germana gostaria muito de encontrar uma alma gêmea. Um dia chega um novo hóspede no asilo, senhor muito educado e bem conservado. As duas velhinhas ficam empolgadas e querem saber um pouco mais.

– Lucila – diz Germana –, você sabe como sou tímida. Converse com ele e descubra quais são suas intenções.

Lucila concorda. Assim, na refeição seguinte, ela se senta à mesa do novo hóspede e tenta arrancar-lhe algumas informações:

– Então o senhor é novo por aqui? Minha amiga Germana e eu estávamos nos perguntando por que um homem bem-apegoado como o senhor, e tão jovem, viria para cá sem uma companhia...

O homem responde:

– É que estou saindo da prisão. Passei lá 20 anos!

– É mesmo? E por que motivo?

– Matei minha terceira esposa. Eu a estrangulei...

– E o que aconteceu com a segunda?

– Eu a matei também. Com um tiro de revólver.

– Bem... e a primeira, então?

– Caiu da varanda do prédio onde morávamos, durante uma briga.

Então Lucila se vira para Germana, e, escondendo a boca com a mão, cochicha alto:

– Tudo bem. Ele é viúvo!

– JULIANE PFORT GRIMM, Ijuí (RS)